

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO

Gerencia de Operações e Planejamento

Maio - 16



I – Cenário Internacional

A Europa registrou no decorrer do primeiro trimestre um crescimento do PIB de 0,6% em comparação com o trimestre anterior. Apesar de o resultado ter sido maior que o esperado, a deflação continua a ser o principal problema da região. Neste mesmo período, apesar do pacote de políticas monetárias expansivas adotadas pelo BCE, a inflação ficou negativa em 0,2%.

Nos EUA, há grande cautela e gradualismo na condução da política monetária. O FED continua acompanhando a dinâmica inflacionária e há expectativa de haver dois aumentos da taxa de juros no país ao longo do ano.

Na China existe um risco crescente de desaceleração mais intensa, já que a economia passa a responder cada vez menos às políticas expansionistas do governo chinês. Além disso, para evitar a forte saída de recursos do país, o governo tem aumentado a intervenção no câmbio, desvalorizando o Yuan.

O Brasil passa por uma de suas maiores crises econômica e política de sua história. A previsão para 2016 é de queda do PIB de 3,8%, com alguns analistas prevendo queda de 4,5% e taxa de desemprego beirando quase 9% da população economicamente ativa. Além disso, após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, é esperado um ajuste fiscal por parte do novo governo, que se não acontecer pode causar um choque negativo de confiança, intensificando o ciclo recessivo.

II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de abril um valor mínimo de US\$ 37,27, máximo de US\$ 48,50 e média de US\$ 43,34, com crescimento de 8,92% em relação ao mês anterior.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto diminuíram 3,41 milhões na primeira semana de maio, para 540 milhões de barris. A queda contrariou a expectativa de analistas, que esperavam crescimento de 400 mil barris. A previsão da Agência Internacional de Energia (AIE) para o preço médio do barril em 2016 é de US\$ 41, acima dos US\$ 35 do que fora previsto no mês passado.

Apesar da oferta excessiva da *commodity*, a expectativa de demanda tem melhorado, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio, o que tem ajudado a uma recuperação dos preços do barril de petróleo nos últimos meses. O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, com uma tendência de melhora a partir deste momento.

Gráfico 1: Preço do Brent

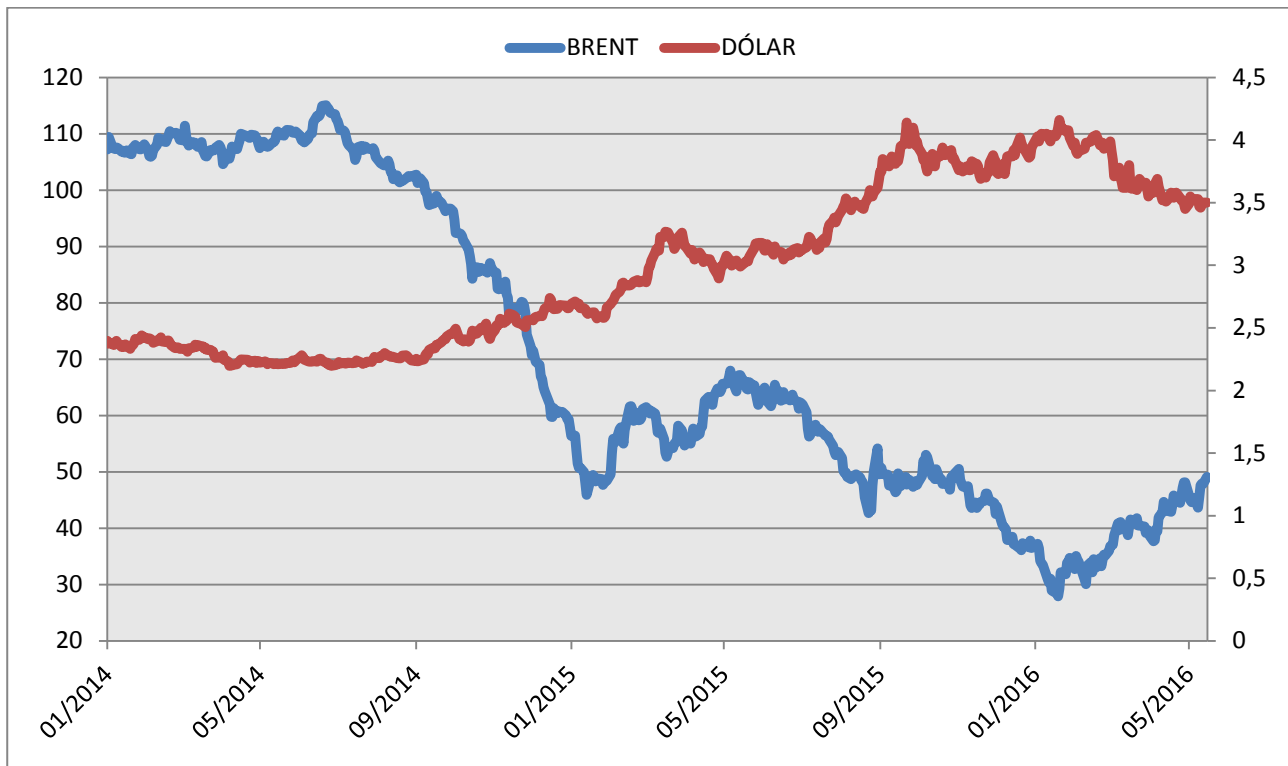


Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,91 entre janeiro de 2014 e abril de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A desvalorização da moeda norte-americana nos últimos meses é outro fator que tem corroborado para a recuperação dos preços do petróleo. Segundo o boletim focus, de 13 de maio de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,70. Há 4 semanas a expectativa era de R\$ 3,80.

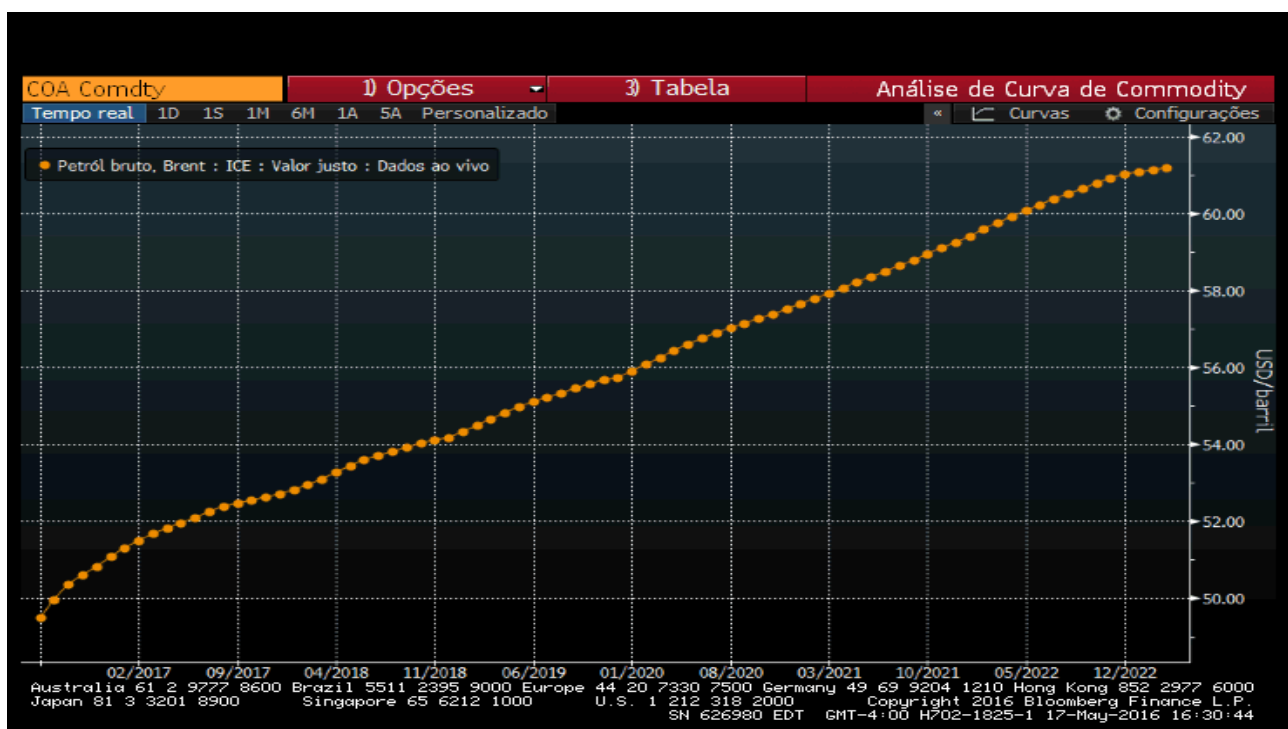
No gráfico 3, retirado da plataforma Bloomberg, observa-se que para o ano de 2016, o preço do petróleo Brent deve fechar em U\$ 46,10, U\$ 48,52 em 2017 e U\$ 50,36 em 2018, representando um aumento médio de 9,23% em relação às projeções do mês anterior.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

Gráfico 3: Mercado Futuro



Fonte: GOP

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 deve crescer 1,2 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2015, com consumo total de 94 mb/d.

Para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo cresceu para 2016 e 2017, com maior consumo por parte da China. Para 2016 espera-se crescimento de 1,4 mb/d em relação a 2015. Para 2017, o crescimento da demanda deve ser um pouco maior: 1,5 milhão de barris.

Ambas as agências esperam aumento de demanda, ainda que gradativa, nos anos de 2016 e 2017, o que pode dar mais equilíbrio com a excessiva oferta global, recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A AIE espera queda da produção de petróleo nos países fora da OPEP, principalmente nos EUA. A produção deve reduzir cerca de 0,7 milhão de barris por dia em 2016 e 0,2 milhão em 2017.

Nos países integrantes da OPEP, segundo a AIE, a produção deve aumentar 0,9 milhão de barris ao dia em 2016 e 0,7 milhão em 2017. A projeção, para esses países, é 50% maior que as realizadas no mês de abril.

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de produção de 0,74 milhão em 2016. Apesar das incertezas da previsão, esta revisão para baixo deve-se a possível queda de produção em China, Brasil e Vietnã.

Já os países integrantes do bloco aumentaram sua produção em 188 toneladas de barris ao dia, com aumento da produção do Irã e Iraque.

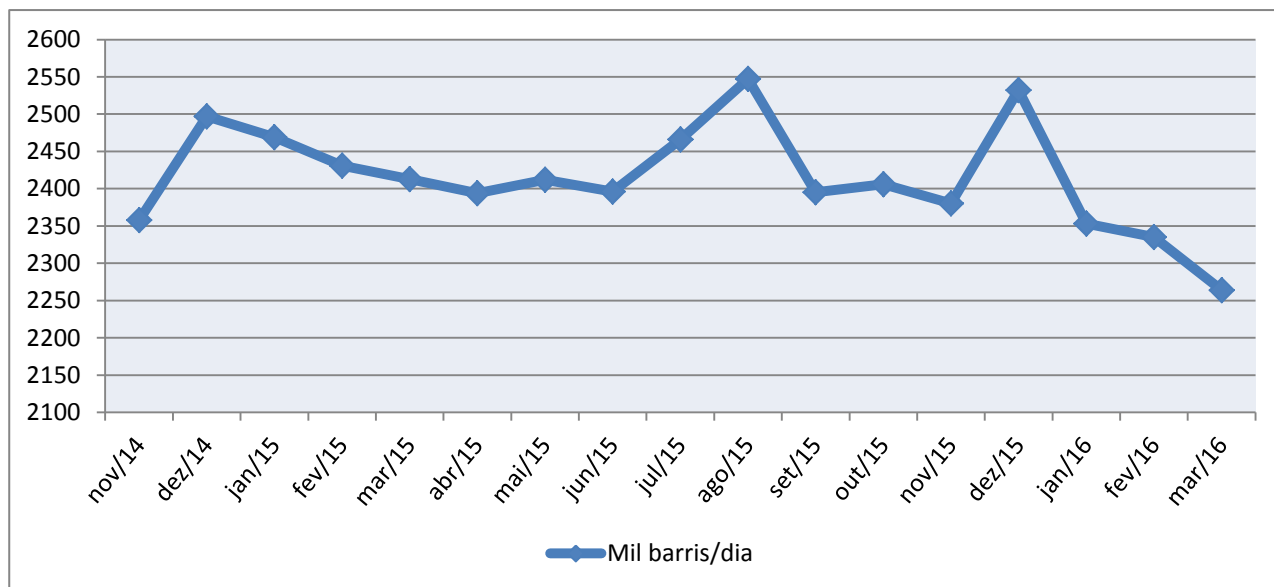
Pode-se observar que a demanda pode crescer, principalmente em caso de aumento da demanda por parte da China, enquanto que a oferta tem demonstrado sinais de queda nos países não integrantes da OPEP. Esta possível convergência de variáveis macroeconômicas poderá ajudar a recuperar o preço da *commodity* em médio prazo.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de março foi de 2.264 mil barris por dia, configurando redução de 3% em relação ao mês

de fevereiro, chegando ao patamar de produção mais baixo na série analisada, conforme demonstrado no gráfico 4.

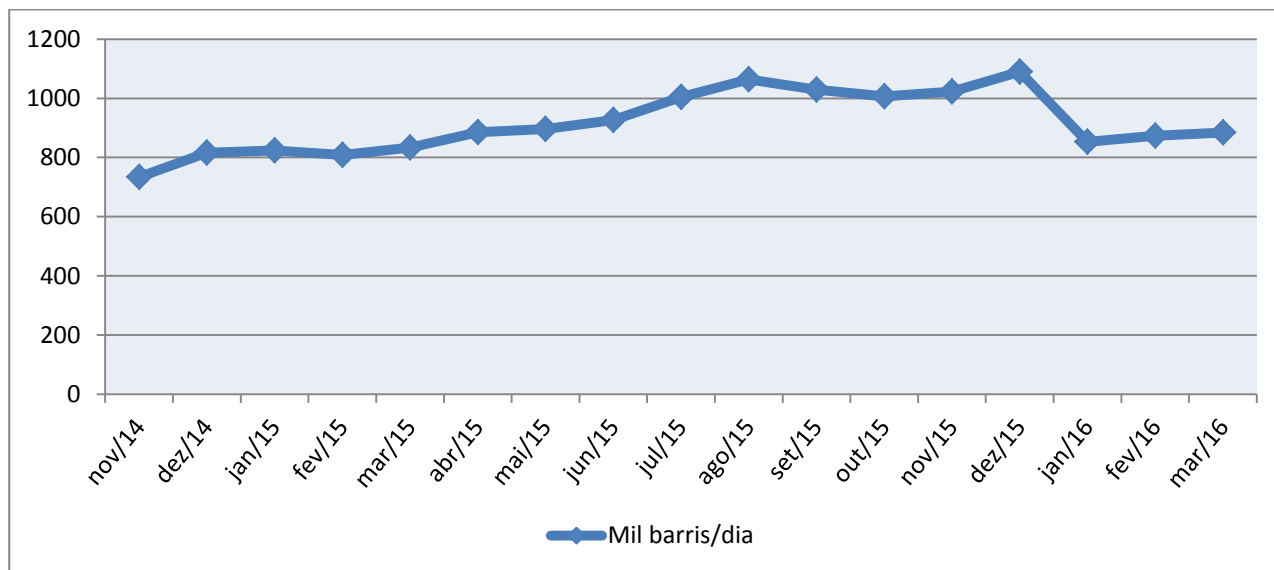
Gráfico 4: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 426,4 mil barris por dia, representando 18,8% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 883,8 mil barris, de um total de 59 poços, representando 1,2% de aumento produtivo em relação ao mês anterior, conforme gráfico 5.

Gráfico 5: Evolução da produção do Pré-Sal



Fonte: GOP

Pelos gráficos, é possível notar queda na produção nacional de petróleo, pois a diminuição produtiva nos campos pós-sal vem sendo superiores que o aumento na produção no pré-sal.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro caiu 5,7% em relação ao mês anterior, mas ainda assim, representa 65% da produção nacional. O campo de Roncador, que teve redução de 6,3% em sua produção, e Lula com queda de 3,8%, foram os principais motivos para a diminuição da produção fluminense.

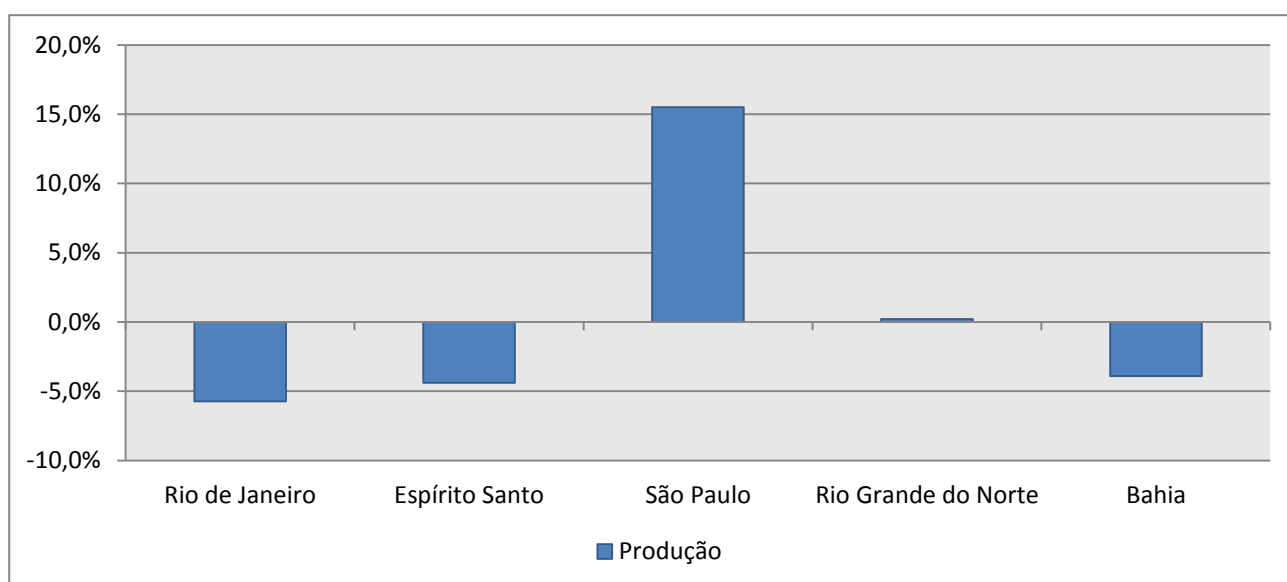
O estado de São Paulo foi o único estado que teve crescimento de produção relevante, com aumento de 15% em relação ao último mês, conforme gráfico 6. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos pouco menos da metade da produção estadual do Rio de Janeiro.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.475.792	46
Espírito Santo	352.232	44
São Paulo	273.883	5
Rio Grande do Norte	57.977	81
Bahia	36.686	85

Fonte: ANP

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de 92% da produção nacional, o que comprova uma

extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	48	1.349.478	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	10	732.994	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	83	59.172	Rio Grande do Norte
Recôncavo	78	36.198	Bahia
Sergipe	19	31.285	Sergipe

Fonte: GOP